

Letrário**editora*

América, o filme – roteiro básico

Henrique Natividade

Março de 2009



No fundo, a estória que nós aqui vamos filmar é bem simples de se entender, como vocês já vão ver.

Os elementos narrativos principais são uma cobra gigante do tipo jibóia pré-histórica, de uns trinta metros de comprimento; uma pacata cidadezinha do interior do Michigan, USA; um velho cientista da guerra do Vietname; um jovem casal de heróis, que é perseguido pela cobra gigante durante todo o filme; dezenas de carros de polícia que serão destruídos; um grupo de cidadãos do bem daquele condado portando fuzis, metralhadoras, pequenos canhões e mísseis de curto alcance; uma ponte de madeira meio podre, suspensa sobre um rio cheio de pedras; um jipe reluzente de novo que não dá partida; uns vinte ou trinta bons mortos, mostrados em *close up* e câmara lenta; e até mesmo, quem sabe, a presença da força aérea, com caças e helicópteros, ou até mesmo dos fuzileiros navais, se o enredo acabar levando a jibóia gigante para os oceanos insondáveis. Mas, aí, a coisa já fica mais difícil, porque então teremos de colocar porta-aviões e submarinos de ataque nuclear. O problema aqui são os custos de se colocar caças, submarinos e torpedos, de fazer tomadas aquáticas, de filmar o presidente na Casa Branca e essa coisa toda que acaba encarecendo um filme de categoria B. Por ora, nos bastam esses elementos básicos.

Para uma idéia aproximada, sem os efeitos especiais, essa jibóia é quase igualzinha às jibóias gigantes normais, que já são gigantes além da conta, mas com a diferença de que o seu DNA mumificado veio da Andrômeda a bordo de um meteoro que caiu no Pólo Norte durante o plistoceno. O caso aqui é que o velho Dr. Mills, cientista militar e gênio caseiro, foi um dos irresponsáveis pelo agente laranja que foi jogado no Vietname a torto e a direito, principalmente a torto e sem nenhum direito. Num projeto secreto público do governo, ele utilizou uns filhotes alaranjados de jibóia clonada em experiências radioativas com o objetivo de produzir um extrato atômico de veneno poderoso que pudesse ser usado nas guerras convencionais, economizando, assim,

bilhões de dólares em bombas e as vidas dos rapazes americanos da Geórgia e do Missouri. Pelo menos, era o que afirmava o Dr. Mills, muito famoso na época dos anos dourados daquela saudosa guerra e que hoje não passa de um bêbado em quem ninguém mais acredita. Ele está sinceramente arrependido, ninguém sabe o porquê, e está impelido por sua consciência militar a destruir o monstro antes de que ele destrua a América ou Nova Iorque, que é a cidade que nove em cada dez monstros prefere para destruir.

A jibóia gigante estava aprisionada em Guantanamo pelas forças de segurança do exército americano, numa caixa de aço blindada, vigiada 24 horas por dia, sendo constantemente interrogada. Mas, e isso já nem vem ao caso para não complicar os custos, ela escapa misteriosamente, graças à ajuda de senadores lobistas da indústria farmacêutica, e vai parar próximo da pacata cidadezinha de Waterwood, Ohio, USA. Ali, já superfaminta, começa a comer gente, cavalos, bois etc., aterrorizando a população que, na altura dos primeiros casos de corpos trucidados, imagina existir um assassino americano normal à solta. Isto acontece porque a jibóia gigante é muito rápida e ninguém consegue percebê-la antes do ataque.

Num certo momento do filme, enquanto toda a população de Waterwood, Ohio, USA, e sua treinada equipe de policiais está caçando o suposto criminoso humano, a jibóia gigante chega ao jardim de uma casa onde estão dois jovens namorados aproveitando uma viagem dos pais da moça para Las Vegas.

Sally, que é o nome da lourinha que é também supergostosa, vai então tomar banho. Sozinha! O quarto de banho tem uma cortina de plástico e só se consegue ver o chuveiro ligado, a água escorrendo e umas tomadas rápidas de Sally ensaboando-se eroticamente, como num comercial de sabonete, enquanto uma enorme sombra preta passa por detrás. A música incidental vai ao ápice! A cobra gigante entra no quarto de banho, fazendo

ruáááár! ruááár! E... klapuft! Rasga metade da casa. A cobra fica frente a frente com a Sally que, peladona, começa a gritar desesperada. Neste clima de pânico e surpresa, ela consegue colocar uma toalha ao mesmo tempo em que se defende, jogando *shampoo* e desodorante íntimo no olho da cobra gigante.

O namorado está desesperado do lado de fora, sem saber o que está acontecendo e doido para ver o fuque-fuque da Sally, mas a porta não abre... Está emperrada! *My Jesus*, justo agora? A cobra, atingida no olho esquerdo, uiva de dor e se afasta para esfregar o olho com a ponta da cauda, dando chance a Sally de sair do boxe do chuveiro e gritar para o namorado que uma cobra enorme queria comê-la. Jerry, interpretado por um ator que representa um americano comum, finalmente entende que Sally não se referia à cobra dele e resolve entrar no quarto de banho para salvá-la. Numa rápida cena, é abocanhado pela metade e desaparece por inteiro.

Sally, quase nua, sai, então, correndo da casa e vai até à sua camionete vermelha reluzente e foge disparada. Nesse momento, a língua geneticamente modificada do réptil capta as vibrações do motor e sai em sua perseguição, isto porque ela também é geneticamente mais rápida do que qualquer camionete reluzente.

Numa curva adiante, a mais de cem milhas por hora, Sally vê com terror a cabeça da cobra gigante aparecer na estrada. Te peguei! A camionete derrapa levantando o pó do asfalto e a jibóia dá um bote que arranca a suspensão traseira do veículo, engolindo o *air bag* e um pneu. Coberta só com a toalha de banho, Sally corre por uma zona deserta, cheia de cactos retorcidos do oeste, com a assassina em seu encalço. Ela cai várias vezes, sempre abrindo parcialmente a toalha que, para desespero geral, não cai nunca. Ela acaba achando uma

pequena caverna onde se esconde e se salva, porque a cobra não consegue quebrar inteiramente aquela montanha, apesar de ser gigantona e pré-histórica.

A cobra, desanimada, se afasta e vai, um pouco desconsolada da vida, para Yellowstone, parque nacional edêmico que lembra suas origens estelares. Mas, por um incrível azar, é justamente ali que um pequeno e patriótico grupo de cidadãos do bem a está caçando. O velho cientista arrependido está com eles, dando toda a consultoria militar sobre a psicologia das cobras gigantes pré-históricas geneticamente modificadas. Ao mesmo tempo, *on-line*, os caçadores são ajudados por uma central improvisada às pressas, instalada numa velha estação subterrânea de tratamento de água intratável e abandonada pelo governo durante as suas preparações para uma guerra atômica com os iraquianos.

A entrada é disfarçada por uma inocente casinha de madeira em ruínas, só que lá dentro tem um poço de cinquenta metros de profundidade, cheio de canos empoeirados, geradores empoeirados, caldeiras empoeiradas, salas de computadores empoeiradas e corredores quilométricos iluminados por lâmpadas empoeiradas muito fracas, como sempre acontece nas empoeiradas instalações militares americanas abandonadas e sem uso. Dali, a central, que nada mais é que um cidadão *hacker* do bem com um *notebook*, monitora os movimentos da cobra gigante através de um canal de satélite do Pentágono em órbita geoestacionária de baixa altitude. Parece complicado, mas é simples.

Porém, a cobra gigante permanece imóvel por mais de três horas sem que ninguém saiba onde ela está. De súbito, o satélite localiza a cobra e logo emite uns bipe-bipes com uma flechinha vermelha apontando o lugar. Avisado pela central, todo o pessoal do bem começa um bombardeio básico, explodindo os rios, as árvores e os

esquilos, metralhando lojas, farmácias, jogando granadas, bombas e tudo mais. Aqui é importante a produção não economizar munição.

Quando os tiros param e a fumaça desce, eles descobrem que a cobra gigante tinha trocado a pele e tinha se evadido para local ignorado. Perplexos, eles percebem que a cobra era geneticamente mais inteligente do que eles. No caminho, ela come mais dois policiais: um que estava dormindo no carro enquanto patrulhava a sua área e outro que dava um passeio para tomar café e comprar donuts.

Enquanto isso, Bob e Melissa tentam salvar Sally da toalha e chegam próximo da caverna. Bob estaciona seu Hummer novinho no meio de uma ponte e sai gritando o nome de Sally, que vê, lá de seu esconderijo, a cobra esgueirando-se, maléfica, até à ponte. O jovem, em câmara lenta, corre de volta para o veículo quando a jibóia gigante chega perto da Melissa e escancara a boca fedorenta. Ruáááár! No último minuto, Bob puxa a namorada pela janela. Ela escapa sem arranhar suas coxas carnudas e gostosas. Raivosa, a jibóia estira o jipe, que é lançado daquela enorme altura caindo no rio e explodindo como uma bomba cheia de gasolina *premium*. Envolvidos pelo som da trilha sonora do filme, os dois correm completamente desesperados até à camionete vermelha destruída da Sally da toalha costurada e descobrem duas bicicletas novinhas na parte de trás. Apavorados, colocam as luvas, os capacetes de segurança, amarram os cadarços dos tênis, checam os freios, a pressão dos pneus e começam a pedalar como loucos pelas trilhas da montanha, sempre com a cobra gigante no encalço. Estas seqüências do filme são muito rápidas, quase subliminares, mas são necessárias para ajudarem os pais americanos a educarem melhor os seus filhos na condução de qualquer veículo sem motor.

No caminho dos desfiladeiros mortais, Sally bate com a roda numa pedra e escorrega por um precipício, onde se agarra a um pequeno galho. Ela vai cair e grita de horror; entretanto, Bob rapidamente tira os cadarços de seus tênis Nike e improvisa uma corda de alpinista, puxando-a do destino fatal. Este *merchandising* é um dos pontos altos desta história e ajuda muito no orçamento.

Depois de escaparem a um leão da montanha e a um urso cinzento do Alasca, alucinados com aquela confusão, acabam finalmente chegando às conhecidas instalações secretas militares abandonadas pelo governo de Washington DC. Bob, então, tem a idéia de atrair a cobra gigante para matá-la ali dentro e resolve entrar no poço. Todavia, ainda não sabe como. Com mais de dois terços do filme já decorridos, os momentos de tensão se misturam com os da tensão. Bob beija suavemente Melissa nos lábios e começa a tirar suas calcinhas. Ele a tranqüiliza na mesma hora, pedindo-a em casamento, para o caso de surgir algum problema num futuro próximo. Enquanto o sol se põe no horizonte alaranjado, ele vai conferindo o material. Estas cenas serão feitas de maneira tal que o público-alvo na faixa etária dos dez anos não terá completa certeza de que o Bob vai almoçar a Melissa ali mesmo em cima da rocha.

Meia hora depois, lá em baixo, no poço, e esquecida pela produção desta história, os dois acabam encontrando, por acaso, numa prateleira empoeirada, uma empoeirada caixa de altos explosivos C-4 e imaginam um meio de explodi-la. Agora, procurando freneticamente, acabam por encontrar aquilo de que precisavam: ah! Um velho *kit* de rádios da guerra do Afeganistão com detonadores eletrônicos para explosão à distância! E funcionando, pois ainda estavam na embalagem da loja! Não é por acaso que o país é rico! Tudo o que eles precisavam naquele momento era de ligar um fio vermelho e outro azul a uma massinha cinzenta e de se afastar rapidamente. Bob clica no botão e o relógio começa a típica contagem regressiva dos cinco minutos. Tic, tac, tic, tac. É de se

imaginar que aqui a platéia, de olhos grudados nas cenas, saiba que aqueles cinco minutos vão demorar quarenta de película, porém, é ali que reside o diferencial comum deste filme.

Enquanto isso, a jibóia vem descendo pelo poço, farejando, soltando guinchos horrendos pelas ventas, babando e fazendo ruááár! ruááár! Numa fuga alucinante, ao longo da qual vão fechando as portas estanques de submarino, a Melissa acha, por acaso, numa mesa empoeirada, um velho manual militar daquelas instalações, contendo todas as informações e procedimentos simples para explodir o local. Com isto, o Bob, que já tinha sido fuzileiro no Iraque e tinha voltado vivo, descobre um pequeno painel geral de controle da estação, camuflado atrás de um vaso sanitário. Ele conecta o sistema computadorizado e liga os elevadores principais. Sobem rapidamente. De volta à superfície, encontram o velho Dr. Mills e o resto dos caçadores e policiais que sobraram do elenco. Ligam o rádio e, imediatamente, detonam os explosivos. Entretanto... nada acontece.

O Dr. Mills diz com sua voz pausada e alcoólica que, possivelmente, uma rabanada psicológica da cobra poderia ter danificado as sensíveis antenas do rádio. Ele decide, então, descer e consertar a antena. Faria isto pela América, terra de seus ancestrais, os índios navajos. Talvez o ator que vá interpretar o Dr. Mills seja um irlandês de olhos verdes, cabelo louro e etc., mas não há problema aqui, porque vamos filmá-lo sempre de perfil.

Antes de descer, o Dr. Mills deixa com Sally um filhote legítimo de jibóia gigante natural que trazia no bolso. Avisa que, se ele não voltar, ela deve cuidar com carinho do réptil, pois a ciência, um dia destes, poderia encontrar um meio de salvar as jibóias gigantes da extinção e do aquecimento global. Em vão, Bob tenta demovê-lo daquele suicídio. Não, não vá! Sim, sim, vou e vou! E vai. O jovem, sem outra alternativa pega uma

metralhadora que estava abandonada por ali por algum militar distraído e segue atrás, por outro caminho, dando a volta por um túnel secreto, chegando até um tanque abandonado de ácido sulfúrico fervente. Ele se posiciona atrás de uma coluna empoeirada enquanto desliza em sua frente o enorme corpanzil da cobra. Ele dispara cinquenta tiros ou mais na espinha do monstro, mas as balas de aço molibdênio apenas ricocheteiam no seu couro geneticamente modificado.

Enquanto isto acontece, o Dr. Mills consegue chegar até ao rádio; no entanto, a antena está muito torta e se quebra só com o seu bafo, inutilizando-se. Naquele momento, o monstro o agarra pela cabeça enquanto ele agita as pernas e os braços ensangüentados. Ele ainda consegue gritar para o Bob: “Fuja para o Rio de Janeiro, fuja!”. A cena é nojenta, mas ele bem que merece. Mastigando o cientista louco, o réptil, então, se vira contra Bob, pois já o farejara. Aproxima-se rápido de sua nova vítima, espalhando sua gosma mortal pelo caminho. Seus olhos negros faíscam de ódio galático e ele tenta uma abocanhada. Porém, Bob já tinha um extintor de incêndio na mão, o qual descarrega sem dó nem piedade no olho direito, seu ponto mais sensível, deixando-o tonto e mais enfurecido ainda, pois era uma fêmea que ali buscava fazer o seu ninho onde daria à luz milhares de filhotes de jibóias gigantes que iriam dominar a Terra. Trata-se de um segredo que só é revelado nesta cena. Isto é importante.

Desesperado, Bob gira uma roda de registro de pressão que tinha por ali e liga uma turbina de vento abandonada, levantando uma poeira miserável. A jibóia faz cóóórf, cóóórf por causa da poeira, mas não se detém! Bob e a platéia imaginam que é o fim. Mas não é. Apesar dos ferimentos recebidos nas suas lutas contra o leão da montanha e o urso cinzento do Alasca, ele resiste até ao último minuto. Sem nada enxergar, porque está com olhos encharcados de sangue e poeira, apalpa a parede e percebe que está próximo da caixa de

fusíveis do velho complexo militar. Bob sorri para o monstro e, então, liga a chave elétrica mortal. Com um choque de um milhão de volts, a cobra gigante explode e despenca em pedaços de tripas e miúdos horrorosos no tanque de ácido sulfúrico, afundando em lenta agonia e guinchos de iiiiiiáááááááárf, até desaparecer por completo, dissolvida em meio aos borbotões do sangue amarelo esverdeado gelatinoso. A galáxia estava salva.

Corta.

No dia seguinte, Bob e Melissa estão na praça principal da cidade para receberem a medalha cívica da comunidade, o cheque de um milhão de dólares e um *e-mail* do Presidente. Bob põe a mão na bunda da Melissa enquanto se beijam e acenam para a multidão que, jogando seus bonés de beisebol para o alto, gritam três vezes: hip, hip, hurra!

No céu azul, uma esquadrilha de caças da marinha evolui sobre o condado desenhando um coração de fumaça e escrevendo: América!

Fim



Henrique Natividade, 59 anos, geógrafo, casado, membro da Academia Peruibense de Letras

Livros publicados: *Cultura Caiçara, Resgate de um Povo*, Ministério da Cultura, Editora Oficina do Livro, 2001

Ofícios e Artíficos de uma Academia de Letras, crônicas - Antologia, All Print Editora, 2007

XV e XVI Prêmios Moutonné de Poesia, Ottoni Editora, 2006

Antologia Poética, ANO 3, Giz Editorial, 2008

A publicar: *O País das Águas Limpas*, literatura infantil

O Contador de Contecidos, romance

Cem poemas sem Sol, poesia

Letrário**editora*

Az. Torre do Fato, 2 A, 1600-298 Lisboa

http://www.letorario.pt/1_pt/900/9002.htm

+ 351 21 711 20 20

letorario@letorario.pt